

## **INOVAÇÃO SOCIAL EM COOPERATIVA DE EMPREENDEMENTOS SOLIDÁRIOS**

SOCIAL INNOVATION IN A COOPERATIVE OF SOLIDARITY ENTREPRENEURS

### **Mary Lucia Silva Perim**

Email: [maryperim@yahoo.com.br](mailto:maryperim@yahoo.com.br)

Especialista MBA em Gestão de Cooperativas da Universidade Federal de Roraima

### **Verçulina Firmino dos Santos**

Email: [versulina@yahoo.com.br](mailto:versulina@yahoo.com.br)

Graduada em Administração; Doutora em Ciências Empresariais; Professora do Curso MBA em Gestão de Cooperativas. Prof do Dep. de Contabilidade da Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, RR.

Manuscript first received/*Recebido em:* 01/11/2016 Manuscript accepted/*Aprovado em:* 21/12/2016

Avaliação: Double Blind Review pelo SEER/OJS

### **Resumo**

O objetivo deste estudo foi identificar as cinco dimensões de inovação social na Coofecs, fundamentando-se no quadro de dimensões de análise da inovação social elaborado por Tardif e Harrisson (2005). Especificamente identificar e descrever as ações de inovação social da Coofecs; verificar a importância destas ações, na percepção das cooperadas, para a comunidade na qual a Coofecs está inserida; e analisar se houve transformações e melhorias na qualidade de vida das cooperadas da Coofecs. Utilizou-se da abordagem qualitativa e o estudo se caracterizou como descritivo. Optou-se por pesquisa bibliográfica e estudo de caso. Realizada a investigação, foi possível fazer a aplicabilidade do quadro de síntese das dimensões de inovações sociais proposto por Tardif e Harrisson (2005), identificar-se cada uma das cinco dimensões de análise na Coofecs. As ações de inovação social da Coofecs estão presentes desde a implantação do projeto e estas ações têm alcançado relevância social e econômica na vida das pessoas envolvidas no processo.

**Palavras-chaves:** Inovação Social, Cooperativismo, Economia Solidária.

### **Abstract**

## Inovação Social em Cooperativa de empreendimentos solidários

Mary Lucia Silva Perim

The objective of this study was to identify the five dimensions of social innovation in Coofecs, based on the analysis dimensions of social innovation developed by Tardif and Harrisson (2005). Specifically identify and describe the social innovation actions of Coofecs; To verify the importance of these actions, in the perception of the cooperative, for the community in which Coofecs is inserted; And to analyze if there have been changes and improvements in the quality of life of Coofecs' cooperatives. The qualitative approach was used and the study was characterized as descriptive. We chose bibliographic research and case study. Once the research was carried out, it was possible to apply the framework for the synthesis of the dimensions of social innovations proposed by Tardif and Harrisson (2005), to identify each of the five dimensions of analysis in Coofecs. The social innovation actions of Coofecs have been present since the implementation of the project and these actions have reached social and economic relevance in the lives of the people involved in the process.

**Keywords:** Social Innovation, Cooperativism, Solidarity Economy.

### 1 Introdução

A busca por melhores condições de vida, trabalho e renda, novas estruturas ou relações sociais, são alguns dos pontos que os estudos sobre inovação social abordam. Esta compreensão pode ser reconhecida, principalmente, pelas transformações geradas em âmbito social e econômico e está relacionada com as premissas pregadas pelo cooperativismo, especialmente os empreendimentos de Economia Solidária, foco deste estudo.

Tais empreendimentos apontam que o caminho da solidariedade, da cooperação, da autogestão, da oportunidade de trabalho e renda para todos são alternativas para a inclusão dos indivíduos na sociedade. Nesta perspectiva, estes empreendimentos visam à emancipação de seus integrantes tornando-se espaços propícios para que a inovação social se manifeste e dissemine-se.

As abordagens sobre inovação social e cooperativismo são realizadas de diferentes prismas, uns enfatizando a busca por soluções no desenvolvimento de territórios e outros enfatizando soluções novas, em diferentes dimensões, para as necessidades humanas.

A escolha do tema considera que a inovação social e cooperativismo ainda é assunto pouco explorado nas cooperativas de empreendimentos solidários da Amazônia. Tal assertiva é baseada em pesquisas realizadas ao banco de dados da Capes. Sendo assim, ganha relevância ao buscar responder as demandas suscitadas em pesquisas científicas da área. Socialmente almeja-se contribuir, para a disseminação das ações desenvolvidas por tais

empreendimentos, que acarretam impactos positivos para a transformação social e econômica das pessoas e das localidades onde estão inseridos.

Assim, buscando maior compreensão da inovação social em cooperativa de empreendimentos solidários, este estudo buscou responder a seguinte questão de pesquisa: como e em quais dimensões a inovação social se manifesta nas ações da Cooperativa de Empreendimentos Solidários do Município de Boa Vista?

Para tanto, o objetivo geral foi identificar as cinco dimensões de inovação social na Coofecs, fundamentando-se no quadro de dimensões de análise da inovação social elaborado por Tardif e Harrisson (2005). Especificamente identificar e descrever as ações de inovação social da Coofecs; verificar a importância destas ações, na percepção das cooperadas, para a comunidade na qual a Coofecs está inserida; e analisar se houve transformações e melhorias na qualidade de vida das cooperadas da Coofecs.

Buscando a melhor compreensão para as questões levantadas, quanto ao nível ou objetivo o estudo se caracterizou como descritivo. Quanto aos procedimentos operacionais, realizou-se pesquisa bibliográfica por meio de fontes disponíveis que tratam do tema abordado. Também foi realizado um estudo de caso, que para Yin (2005), é uma pesquisa empírica de um acontecimento atual, dentro de um contexto conhecido, que não se avistam claramente os limites entre o fenômeno estudado e o contexto no qual ele pode ser examinado. Utilizou-se, ainda, de uma abordagem qualitativa.

A coleta de dados deu-se por meio das técnicas de observação direta, entrevista semiestruturada e aplicação de um questionário com perguntas abertas e fechadas. A entrevista semiestruturada foi realizada com a presidente da Coofecs, no dia 29 de março de 2016. O questionário foi aplicado, entre os dias 29 de março a 04 de abril de 2016, para as 20 cooperadas do empreendimento, porém foram respondidos e devolvidos 12 questionários, os quais foram numerados de 01 a 12 para a realização da análise.

A entrevista foi gravada com recurso de áudio e transcrita em editor de textos. Utilizou-se de análise de conteúdo. O roteiro de entrevista com a presidente da cooperativa e o questionário aplicado às cooperadas foi adaptado de Maurer (2011) e Souza (2014). Os dados coletados foram analisados a partir da ênfase dada pelos cinco elementos de dimensões de inovação social concebido por Tardif e Harrisson (2005), que são: transformações, caráter inovador, inovação, atores e processo, adicionando ainda, a classificação de Rollin e Vicent (2007) na dimensão atores.

A estrutura deste trabalho está assim exposta: a primeira seção é esta introdução que faz uma abordagem geral sobre o tema, apresenta a justificativa, o problema, os objetivos, os procedimentos metodológicos e a estrutura do trabalho; a segunda trata sobre o cooperativismo e economia solidária; a terceira aborda sobre a inovação social e as dimensões de análise de inovações sociais identificadas por Tardif e Harrisson (2005); a quarta apresenta os resultados obtidos por meio do estudo de caso; e, por fim, a quinta seção que traz as considerações finais do estudo.

## **2 COOPERATIVISMO E ECONOMIA SOLIDÁRIA**

O cooperativismo foi originalmente introduzido no Brasil por imigrantes europeus, no final do século XIX, principalmente nas regiões Sul e Sudeste, como estratégia para superar as situações de flagrante desamparo em que viviam. Nesta época surgiram as cooperativas de consumo, as de crédito e as agropecuárias, localizadas principalmente no Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro (Gaiger, 2013).

Ainda conforme Gaiger (2013) nas décadas de 1950 e 1960 houve a expansão das cooperativas de consumo e devido à concentração de apenas 45% da população em áreas urbanas, as cooperativas de crédito e serviços eram mais ativas que as do setor agropecuário.

O modelo socioeconômico do cooperativismo segundo a Organização das Cooperativas Brasileiras (2016) objetiva o desenvolvimento econômico ligado ao bem-estar social. Seus princípios são a adesão voluntária e livre, gestão democrática, participação econômica dos membros, autonomia e independência, educação, formação e informação, intercooperação e interesse pela comunidade.

Na opinião de Simioniet *al* (2009) atualmente o cooperativismo no Brasil possui diferentes situações em que algumas cooperativas possuem situação econômica estável, outras ainda procurando estabilidade e algumas em decadência. Para os aludidos autores as causas dos problemas podem estar ligadas à falta de adequação às mudanças, aos avanços tecnológicos, à falta de lealdade e fidelidade à organização e aos problemas econômicos ocorridos no país nos últimos anos.

Araújo (2013) pondera que nos momentos de crises históricas do capitalismo, foi surgindo o conceito de economia solidária a partir de diferentes atores e aspectos diversos tais como: associações, cooperativas, vilas comunitárias, fábricas coletivas entre outros.

Azevedo, Alió e Silva (2016) consideram que a economia solidária no Brasil se efetivou de maneira sociopolítica e como matéria central de políticas públicas e ações

governamentais, em um momento de transformações nas estruturas sociais, econômicas e políticas.

Conforme Arcanjo e Marques (2012) a economia solidária se configura como uma forma de produção, consumo e distribuição de riqueza, que foca na valorização do ser humano e não do capital. Possui alicerce associativista e cooperativista, visa à produção, o consumo e a comercialização de bens e serviços de forma autogestionária e igualdade entre os membros.

Arcanjo e Marques (2012) afirmam que como alternativa ao modo capitalista de organizar as relações sociais e como defesa à exploração do trabalho humano, a economia solidária suscitou novas práticas de relações econômicas e sociais que, de imediato, propiciam a sobrevivência e a melhora da qualidade de vida de milhões de pessoas em diferentes partes do mundo.

Os empreendimentos cooperativos de economia solidária no Brasil cresceram muito nos últimos anos, principalmente, segundo Gaiger (2015), na década de 1990, como resposta às discrepâncias geradas pelo capitalismo e pelas iniciativas econômicas levantadas por sua natureza associativa e suas práticas de cooperação e autogestão.

Singer (2003) acredita que é possível o ser humano desenvolver relações que vão além da divisão internacional do trabalho, e que a autogestão é condição básica para que um empreendimento seja caracterizado como de economia solidária. Defende ainda que, o que também caracteriza este tipo de empreendimento é o apoio dado desde o seu início por meio de universidades, instituições religiosas, empresas e outros agentes.

Arcanjo e Marques (2012) asseguram que, em regra, as pessoas em situação de exclusão pelo sistema capitalista, seja por idade, grau de instrução, falta de oportunidades, ou outra qualquer situação limitadora, são o público da economia solidária. Afirmam, ainda, que as iniciativas da economia solidária oferecem alternativas viáveis para a geração de trabalho e renda e satisfação das necessidades, confirmando que é possível organizar a produção e a reprodução da sociedade de forma a extinguir as desigualdades materiais e expandir os valores da solidariedade humana.

### **3 INOVAÇÃO SOCIAL**

Existem estudos que mostram diversos tipos de inovação. Antes de se abordar diretamente o tema inovação social, faz-se necessário explicar o que é inovação. Bignetti (2011) afirma que tradicionalmente a inovação está ligada ao ganho econômico e ao lucro.

Para o autor supracitado, esta compreensão está vinculada diretamente às abordagens schumpeterianas que consideram a inovação como sendo um modo original de fazer determinada coisa, em que se obtenha resultados econômicos.

Oliveira (2013) afirma que as implicações positivas alcançadas por meio da inovação, não atingem somente os inovadores, mas tendem a beneficiar também a comunidade em que estão inseridos. Assim, a inovação segundo Fayet (2009), é um termo dinâmico que tem evoluído no decorrer dos anos.

A inovação social, tema abordado no presente artigo, foi mencionada pela primeira vez, segundo Cloutier (2003), em 1970, nos estudos de James B. Taylor e Dennis Gabor.

Taylor (1970) usou o termo para referir-se ao tipo de inovação que apresenta um novo jeito de se fazer coisas, com o intuito de causar transformação/benefício social e a satisfação de necessidades humanas, se contrapondo, principalmente, à pobreza e à criminalidade, tendo como tema central as necessidades humanas.

A inovação social, para Soares (2014), trata do desenvolvimento de novos produtos, processos e serviços que gerem inclusão social, trabalho e renda e, principalmente, melhorem a qualidade de vida das pessoas/grupos.

André e Abreu (2006) discorrem que inovação social é um processo de transformação e ruptura com normas, regras e valores, que implica em nova maneira de pensar ou fazer, com intenção de gerar inclusão, capacitação, cooperação e transformação social, podendo ser compreendida como opção diante dos processos tradicionais.

Inovação social efetivada por organizações, segundo Cloutier (2003) diz respeito às mudanças internas que podem ser observadas na forma de novas divisões do trabalho, modificações nas estruturas de poder ou ainda melhorias na qualidade de vida no trabalho.

Oliveira (2011) avalia que a inovação social pode acontecer através de novos arranjos sociais alternativos que geram a inclusão social através da inserção produtiva e geração de empregos. Maurer (2012) conclui que os atores aprendem novos conhecimentos e habilidades, ocorrendo um intercâmbio de informações e de formação, o que leva, então, à geração de novas regras e de novos padrões sociais.

Os pesquisadores Tardif e Harrisson (2005) defendem que a inovação social é uma resposta dada por iniciativa de atores que buscam atender a uma determinada necessidade, criar soluções, aproveitar oportunidades com o intuito de transformar ou modificar ações, relações sociais ou culturais. Os aludidos autores asseguram que acontece uma mesclagem entre as identidades, normas e valores individuais resultando em uma aprendizagem coletiva.

### 3.1 Dimensões de Análise das Inovações Sociais

Segundo Maurer (2011), o *Centre de Recherche sur les Innovations Sociales* (CRISES) é um centro de pesquisa, que se destaca mundialmente na análise das inovações sociais, com estudos de caráter multidisciplinar, e compreende sete instituições de ensino no Canadá. No Brasil, conforme Fleury (2011), quem se destaca é o Observatório de Inovação Social da Fundação Getúlio Vargas, que se afirma que a inovação social possui a capacidade de transformar as relações de poder na esfera social, o que provoca a ampliação da cidadania e a inclusão social.

Souza e Silva Filho (2014) afirmam que foram os pesquisadores Tardif e Harrisson (2005) que, depois de terem examinado 49 artigos desenvolvidos por membros do CRISES, elaboraram um quadro de dimensões de análise da inovação social, denominado Enciclopédia Conceitual de Inovação do CRISES, no qual estudou-se sobre inovações sociais em três eixos principais que são: trabalho e emprego, condições de vida e território.

No quadro elaborado por Tardif e Harrisson (2005), classificou-se cinco dimensões de análise da inovação social, correspondente as seguintes categorias principais: Transformações, Caráter Inovador, Inovação, Atores e Processos, conforme mostra o quadro 1, as quais serão adotadas neste estudo.

- Quadro 1 – Enciclopédia Conceitual de Inovação do CRISES (As dimensões de análise de uma inovação social).

| Dimensão TRANSFORMAÇÕES  | Dimensão CARÁTER INOVADOR   | Dimensão INOVAÇÃO  | Dimensão ATORES  | Dimensão PROCESSOS  |
|--|---|--|--|---|
| <b>Contexto macro/micro</b><br>• Crise<br>• Ruptura<br>• Descontinuidade<br>• Modificações Estruturais<br><b>Econômico</b><br>• Emergência<br>• Adaptações<br>• Relações do trabalho/ produção/consumo<br><b>Social</b><br>• Recomposição<br>• Reconstrução<br>• Exclusão/ Marginalização<br>• Prática | <b>Modelo</b><br>• De trabalho<br>• De desenvolvimento<br>• De governança<br>• Quebec<br><b>Economia</b><br>• Do saber/ Conhecimento<br>• Mista<br>• Social<br><b>Ação Social</b><br>• Tentativas | <b>Escala</b><br>• Local<br><b>Tipos</b><br>• Técnica<br>• Sociotécnica<br>• Social<br>• Organizacional<br>• Institucional<br><b>Finalidade</b><br>• Bem comum | <b>Sociais</b><br>• Movimentos cooperativos, comunitários, associativas<br>• Sociedade civil<br>• Sindicatos<br><b>Organizacionais</b><br>• Empresas<br>• Organizações economia social<br>• Organizações coletivas | <b>Modos de coordenação</b><br>• Avaliação<br>• Participação<br>• Mobilização<br>• Aprendizagem<br><b>Meios</b><br>• Parcerias<br>• Integração<br>• Negociação<br>• E |

Inovação Social em Cooperativa de empreendimentos solidários  
 Mary Lucia Silva Perim

|  |  |  |  |  |
|--|--|--|--|--|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Mudanças</li> <li>• Relações Sociais</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Experimentos</li> <li>• Políticas</li> <li>• Program</li> <li>• as</li> <li>• Arranjos</li> <li>• Institucionais</li> <li>• Regula</li> <li>• mentação</li> <li>• Social</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Int</li> <li>• Int</li> <li>• Co</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Dest</li> <li>• inatários</li> <li>• <b>Instituições</b></li> <li>• Esta</li> <li>• Iden</li> <li>• Valo</li> <li>• res enormes</li> <li>• <b>Intermediários</b></li> <li>• Com</li> <li>• itês</li> <li>• Red</li> <li>• es sociais</li> <li>• dealiança/de</li> <li>• inovação</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>mpowerment</i></li> <li>• Dif</li> <li>• usão</li> <li>• <b>Restrições</b></li> <li>• Co</li> <li>• mplexidade</li> <li>• Inc</li> <li>• erteza</li> <li>• Re</li> <li>• sistência</li> <li>• Te</li> <li>• Co</li> <li>• mpromisso</li> <li>• Ri</li> <li>• gidez</li> <li>• Institucional</li> </ul> |
|--|--|--|--|--|

Fonte: Adaptado de Tardif e Harrison (2005).

A *dimensão transformações* é identificada, conforme Tardif e Harrison (2005) em um contexto de mudanças, que podem ser econômicas ou sociais, enfatizando-se ascises, rupturase descontinuidades, que podem ocorrer em contexto local, regional ou nacional. Para os aludidos autores, as transformações sociais podem acarretara reestruturação e reconstrução dos vínculos sociais, demandando novas práticas sociais, suscitando um ambiente propício para o surgimento da inovação social.

A *dimensão caráter inovador*, conforme Tardif e Harrison (2005) trata das inovações que se estabelecem como respostas dadas pelos atores às crises. Levando em conta o meio em que surgem, são consideradas soluções inovadoras, inéditas e exigem novos arranjos institucionais e normas sociais, e são chamadas na fase de implantação, de tentativas e experimentos. Programas ou políticas públicas podem apoiar, promover ou criar restrições a emergência de novas práticas sociais e econômicas.

Ainda, segundo Tardif e Harrison (2005) existem três ângulos de análise para essa inovação que são: Modelo, que diz respeito às ações sociais; Economia, que trata do tipo pretendido pela inovação social; e, Ação, que abrange as iniciativas, os experimentos e tentativas que levam à inovação.

Na *dimensão Inovação* Tardif e Harrison (2005) fazem a diferenciação de vários tipos de experimentos em inovação social em:

- a) Técnica - aquela inovação que faz uso da tecnologia como intuito de melhorar a vida das pessoas;
- b) Sociotécnica - que abrange o interesse organizacional em função das exigências



sociais;

- c) Social - diz respeito às inovações que são desenvolvidas por atores da sociedade civil;
- d) Organizacional - gerada pelas organizações; e,
- e) Institucional - criada por atuação do Estado.

Para os autores Tardif e Harrisson (2005) a intenção da inovação social dentro desta dimensão tem por finalidade bem comum, o interesse geral e coletivo, e ainda a cooperação.

Na *Dimensão Atores* Tardif e Harrisson (2005) descrevem que, devido a multiplicidade de interesses e particularidades individuais dos sujeitos, a inovação aqui é um processo de aprendizagem coletivo e que o objetivo final é a cooperação, seja o envolvimento nas negociações, nos acordos formais e ou nas parcerias, com o intuito de gerar adequada governança.

Na *Dimensão Processos* Tardif e Harrisson (2005) analisam o impacto do projeto de inovação social, dos modos de coordenação, dos meios envolvidos e das restrições a sua implantação. Tratam da mobilização e a participação de atores e suas complexidades, a incerteza da dinâmica, as resistências, tensão dos atores, as limitações institucionais, os meios pelos quais se estabelece a inovação.

Existe ainda a classificação de Rollin e Vicent (2007) que diverge um pouco de Tardif e Harrison na dimensão atores, pois classificam apenas em sociais, privados, públicos e a parceria entre atores, sendo que esta classificação acontece da seguinte forma: titulares da ideia; financiadores; apoiadores ou parceiros; e usuários. Os titulares da ideia são os que criam ou desenvolvem a ideia de uma inovação social; financiadores são os que financiam o processo de inovação social, podendo ser do setor privado ou público; apoiadores ou parceiros, acompanham, apoiam ou divulgam a inovação social e os usuários ou proprietários são os que se beneficiam com a inovação social.

## **4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS**

### **4.1 Lócus da pesquisa: a Coofecs**

Através de um projeto de iniciativa do Governo do Estado de Roraima, foi criado em 1995 o Centro de Produção Comunitário – CPC no bairro Santa Tereza, na cidade de Boa Vista, com o intuito de agrupar mulheres para desenvolverem atividades de costuras e artesanato, como forma de contribuir com a geração de emprego e renda.

O Centro de Produção Comunitário do Santa Tereza iniciou suas atividades com a adesão de 10 mulheres, que receberam, por meio do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), treinamento de corte e costura e por meio do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), treinamento de administração de uma pequena empresa, para que pudessem gerir as atividades do grupo formado.

- Através do projeto do Centro de Produção Comunitário, o Governo do Estado financiou 13 máquinas de costura, um ferro a vapor e uma máquina para corte, que após 2 anos, foram pagos com recursos oriundos do trabalho do grupo.

Passado algum tempo, tomaram a iniciativa de transformar o Centro de Produção Comunitário em Associação. No dia 18 de junho de 2009, devido às necessidades de expansão do negócio, entre outras, nasceu a Cooperativa de Empreendimentos Solidários do Município de Boa Vista – Coofecs, a qual acolheu três núcleos de Economia Solidária: Associação Mãos Amigas, Agremiação Folclórica Feras do Amazonas e Mulheres Aliança.

A Coofecs está localizada no mesmo endereço onde foi instalado o CPC. O espaço físico que abriga a Coofecs é de propriedade do governo do Estado, que fez a concessão às cooperadas e que, a cada 2 anos, faz a renovação da mesma.

A principal atividade é a confecção de fardamento escolar, fardamento profissional e empresarial, camisetas, roupa social, roupa esporte, indumentária/fantasia. Aceita encomenda de peças avulsas e também realiza reparos em roupas, além do reaproveitamento de restos de tecidos para a confecção de bolsas e tapetes. Produz ainda, peças com aplicação de serigrafia.

Para comercializar e captar pedidos de fardamento escolar, a presidente da Coofecs realiza visita nas escolas estaduais da região, mostrando as peças e negociando preços e prazos de entrega com os gestores das escolas. Assim, se mantém atenta às necessidades do seu público alvo principal e procura fazer as adaptações necessárias.

Os demais produtos confeccionados pelas cooperadas são expostos em balcões de vidro e prateleiras. Há ainda algumas peças expostas em manequins de plástico. As encomendas e as vendas são realizadas diretamente pelas cooperadas, que atendem a comunidade na sede do empreendimento.

O processo de produção das peças é organizado de maneira coletiva, e conforme a presidente, cada uma sabe o seu papel. No final da produção, todas recebem de maneira igual, mesmo que uma tenha produzido menos que outra, desde que o seu tempo tenha sido usado em prol de alguma atividade da Coofecs. Existem métodos próprios de assegurar isto. As

sobras da cooperativa são usadas para capital de giro, investimentos e demais necessidades de manutenção do empreendimento.

A Coofecs possui atualmente 20 cooperadas. Do total das cooperadas, 50% têm de 41 a 50 anos e 30% têm mais de 50 anos de idade. Assim, pode-se inferir que a idade elevada é mais um fator agravante de exclusão do mercado formal de trabalho, conforme Moisés (2009).

## **4.2 Dimensões de Análise de Inovação Social na Coofecs**

Esta seção apresenta os resultados da pesquisa que identificam as ações da Coofecs que caracterizam as dimensões da inovação social presentes na referida Cooperativa.

### **4.2.1 Dimensão Transformações**

A região onde o empreendimento está localizado se caracteriza como um bairro periférico da cidade de Boa Vista, e, apresenta desigualdades sociais, em que a pobreza e o desemprego são uma realidade constante. Os moradores do bairro estavam em constante busca de alternativas para sanar suas dificuldades de trabalho e renda. Esta busca, conforme o pensamento de Tardif e Harrison (2005) se caracteriza como uma emergência, pois fez com que as mulheres buscassem outras formas de desenvolvimento, em termos econômicos, para superarem a situação em que se encontravam.

As donas de casa da região confeccionavam peças de vestuário em geral em suas próprias casas, sob encomenda, para a comunidade local, como forma de se sustentarem ou aumentar a renda familiar. A pesquisa revelou que o contexto do bairro antes da formação da Coofecs era de muitas dificuldades, não oferecia alternativas para ocupação das mulheres e para a geração de renda. Não havia costureira profissional para fazer o fardamento escolar e isso gerava muitas dificuldades para todos.

Tardif e Harrison (2005) se referem a condição de desemprego e exclusão social como um contexto de descontinuidade. Maurer (2011) afirma que as estruturas econômicas desenvolvidas ou adaptadas podem, em um dado sistema social, produzir novas relações de trabalho, de produção ou de consumo.

- O contexto de formação da Coofecs, na condição de organização, surgiu da iniciativa do governo do Estado em formar Centros de Produção Comunitária - CPC, e posteriormente criou-se uma associação que abrigava as mulheres dos CPCs. A partir das atividades da associação, elas sentiram-se capazes de atuar em conjunto, e, então, optaram por

formalizar a cooperativa em 18 de junho de 2009, pois assim teriam melhores condições para comprar tecidos fora do Estado e adquirir máquinas com melhores preços e condições de pagamento.

- Para que pudessem se desenvolver profissionalmente, foram em busca de conhecimento e informação:

- 

- Por meio do projeto do governo do Estado foi criada a associação. Depois foi realizada parceria com o Senai e o Sebrae. O Senai ministrou cursos de corte e costura e o Sebrae curso de administração de pequenas empresas. Tivemos ainda o apoio da Universidade Federal de Roraima, através da incubadora, que também contribuiu com o projeto para o financiamento das máquinas, e com as placas da fachada do empreendimento. (Silva, presidente da Coofecs, 2016).

- 

- Observa-se que existe um contexto de mudanças econômicas e sociais, acarretando geração de renda e reestruturação dos vínculos sociais, demandando novas práticas sociais, suscitando um ambiente propício para o surgimento da inovação social, identifica-se, portanto, a dimensão transformações, pois se percebe o contexto de crise, modificações estruturais, emergência, exclusão, adaptações.

Isso está de acordo com o que Tardif e Harrison (2005) asseguram quando dizem que por meio da adoção de novas práticas, pode ocorrer reestruturação e/ou reconstrução dos vínculos sociais, sejam relações de trabalho, produção ou consumo, modificações nas relações sociais, inclusive entre gêneros, estimulados ou não pelo contexto existente. Podem ocorrer mudanças nos contextos macro e micro que ocasionam impactos tanto nas estruturas econômicas quanto nas sociais, ambas em termos macro e micro.

#### **4.2.2 Dimensão Caráter Inovador**

- Diante da situação de falta de renda e ocupação para a comunidade na qual está inserida, a Coofecs tem se destacado como alternativa para a geração de trabalho e renda, e também aprendizado para as mulheres do bairro. Assim, percebendo a necessidade de gerar novas aprendizagens, vem desenvolvendo um trabalho de formar novas costureiras, que por meio do aprendizado coletivo, quem sabe mais passa seus conhecimentos às que sabem menos.

A pesquisa revelou que a Coofecs busca profissionalizar as pessoas interessadas em aprender o ofício da costura. Conforme a presidente da cooperativa, as pessoas (jovens e

adultas) da comunidade que demonstram interesse pelas atividades desenvolvidas no empreendimento, mas que não possuem habilidades com a costura, passam por um treinamento na própria cooperativa, em que aprendem tudo que diz respeito a tal atividade. A pesquisa revelou que os cursos são prioritariamente oferecidos para beneficiar as pessoas moradoras do bairro.

Quando a pessoa procura o empreendimento é acolhida e passa por um processo de socialização, em que a presidente da cooperativa explica como é a forma de trabalho coletivo, o que é cooperativismo e os princípios da Economia Solidária. Tudo isso é novo e surpreendente para quem não vislumbrava uma oportunidade de mudança de vida.

A partir deste aprendizado, novas cooperadas estão prontas para continuar o desenvolvimento das atividades, e assim garantir o futuro do empreendimento, e, uma profissão, o que possibilita a inserção no mercado de trabalho, ocupação e renda.

Observa-se que os atores resolveram transformar o modo de fazer as coisas, para sair da situação de crises e resolver as dificuldades existentes, resultando em uma melhoria palpável diretamente para os envolvidos.

Isso vai ao encontro do pensamento de Tardif e Harrisson (2005) quando afirmam que para uma inovação ser considerada “nova”, há a necessidade de ser inédita nos locais onde são desenvolvidas e tenham a intenção de resolver os problemas existentes.

Identifica-se, portanto, no contexto da Coofecs, a dimensão de caráter inovador, pois despertou o interesse de diversas pessoas da comunidade em aprender o ofício ou melhorar o que já sabiam, para assim, participar das atividades do empreendimento. Percebe-se ainda que houve uma nova forma de organização do trabalho e aprendizagem, também houve tentativas, experimentos e institucionalização das ações de inovações sociais.

#### **4.2.3 Dimensão Inovação**

Ao longo da trajetória da Coofecs, nota-se que sua principal finalidade sempre foi de agrupar e organizar as mulheres locais, que antes não trabalhavam ou trabalhavam de forma independente, com o intuito de geração de renda e trabalho. Porém, também promove atividades que visam o desenvolvimento local.

Além de gerar benefícios socioeconômicos, atua também como mediadora entre os parceiros Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB) e Serviço Social da Indústria (SESI) e várias famílias carentes da comunidade, arrecadando e distribuindo

alimentos, contribuindo assim, para o atendimento das necessidades básicas da coletividade local.

Aproximadamente 60 famílias de baixa renda do bairro são cadastradas na Coofecs para receberem as doações dos parceiros CONAB e SESI. A Coofecs entra em contato com estas famílias e faz a distribuição dos donativos. A presidente da Coofecs afirma que, quem recebe as doações são pessoas que não têm emprego ou que não tem outra renda fixa e estão ligadas a alguma das cooperadas.

Essa ação da Coofecs é uma forma de contribuir com a comunidade e praticar solidariedade, o que ajuda na manutenção de um canal de comunicação aberto com a comunidade local e suas necessidades.

Vale ressaltar que Farfus e Rocha (2007) afirmam que a inovação social se fundamenta em uma ideia mais abrangente de desenvolvimento, na qual políticas e ações que visam o desenvolvimento não necessitam apenas conter objetivos econômicos, mas também os não econômicos como a justiça, igualdade, solidariedade, inclusão, sustentabilidade entre outros.

Diante do exposto, verifica-se que a Coofecs apresenta inovação social na dimensão Inovação. Tais ações, que surgiram para atenuar as dificuldades de um grupo, se caracterizam como finalidade por priorizarem as necessidades da coletividade, o bem comum, o interesse geral e a cooperação. Esta dimensão se caracteriza em uma escala das inovações sociais de caráter local ou localizado em um dado município ou bairro, o que também está de acordo com o que ensinam Tardif e Harrisson (2005).

#### **4.2.4 Dimensão Atores**

- Como já exposto anteriormente, para que a Coofecs exista, houve o envolvimento de vários atores. No início, o Governo do Estado participou com o projeto de criação dos Centros de Produção Comunitário - CPCs, sendo um deles instalado no Bairro Santa Tereza em 1995, no qual reuniu 10 mulheres para trabalharem. O governo do Estado firmou parceria com o SENAI, que ministrou o treinamento de corte e costura para as envolvidas no projeto. Também receberam do SEBRAE um curso de administração para pequenas empresas.

- Pelo projeto do CPC, o Governo do Estado financiou 13 máquinas de costura, um ferro a vapor e uma máquina para corte, que após 2 anos, foram pagos com recursos oriundos do trabalho das próprias cooperadas.

- Por meio do agrupamento no CPC, as mulheres se organizaram e criaram uma associação, e posteriormente a cooperativa. Durante este processo, além da participação dos atores da sociedade civil por meio das próprias cooperadas, houve a participação de outros atores: a Universidade Federal de Roraima (UFRR), por meio da Incubadora Tecnológica (PITCPES); a Igreja Católica e a Secretaria do Trabalho e Bem Estar Social (SETRABES).

Considerando a classificação de atores sociais de Tardif e Harrisson (2005), verifica-se a participação de atores institucionais na criação e no acompanhamento do crescimento da Coofecs.

Conforme a classificação estabelecida por Rollin e Vicent (2007), percebe-se que o Governo do Estado pode ser classificado como o titular da ideia, financiador e apoiador. Os parceiros como SEBRAE, SENAI, UFRR e a SETRABES podem ser classificados como os apoiadores e parceiros. As mulheres participantes do projeto são os atores da sociedade civil e ao mesmo tempo usuárias da inovação social.

Há, ainda, a participação da Igreja Católica, que pelo apoio dado a Coofecs e conforme os ensinamentos de Tardif e Harrisson (2005) pode ser classificada como um ator social de movimento associativista, que tem a proposta de fortalecer o desenvolvimento sustentável, solidário e a inclusão social dos grupos desfavorecidos.

Outro ator apoiador importante para a Coofecs diz respeito ao Fórum Brasileiro de Economia Solidária. Este Fórum busca garantir articulação entre três segmentos do movimento de Economia Solidária: empreendimentos solidários, as entidades de assessoria e fomento e os gestores públicos. A respondente 01 afirmou que a Coofecs está totalmente envolvida com o Fórum e que este se tornou um espaço de reivindicações políticas e sociais. As reuniões acontecem uma vez por semana, nas quais as cooperadas obtêm várias informações que contribuem para prática contínua do trabalho coletivo e da solidariedade.

Fica evidenciada a dimensão Atores na Coofecs, pois houve o envolvimento das instituições estatais, dos movimentos comunitários/associativos, da sociedade civil e de entidades privadas que apoiaram e apoiam as iniciativas da Coofecs, para o alcance dos objetivos sociais e econômicos. Enfim, ocorre um processo de aprendizagem coletivo cujo objetivo final é a cooperação, seja pelo envolvimento nos acordos formais, nas negociações ou nas parcerias com a intenção de gerar adequada governança.

#### 4.2.5 Dimensão Processo

Durante o processo de criação da Coofecs ocorreu a mobilização das mulheres, inicialmente foram mobilizadas pelo governo do Estado para participarem ativamente da criação dos Centros Comunitários. Esta participação contínua durante todo o processo culminou com a criação da Cooperativa.

Conforme a respondente 06, ficou evidenciado que na Coofecs se desenvolveu não só o aprendizado de novas técnicas, mas também novas relações, em que a amizade, a confiança e o respeito mútuo são praticados no dia a dia, facilitando o crescimento pessoal e econômico, o que tem gerado aprendizado coletivo e solidário entre as cooperadas.

As atividades da Coofecs são coordenadas por meio da presidente da cooperativa, que faz as reuniões e assembleias, na qual as decisões são tomadas, definidos os planos e divididas as atividades a serem desenvolvidas por todas as cooperadas.

A mobilização das cooperadas acontece por meio dos Fóruns de Economia Solidária, das assembleias e convocação para reunião, em que são colocados e discutidos os problemas enfrentados, as reivindicações e as lutas, para que, com a contribuição de todos seja alcançada uma solução satisfatória.

As maiores restrições apresentadas no decorrer dos anos do empreendimento, diz respeito à baixa qualificação e à falta de conhecimento das cooperadas. Esta afirmação foi feita por 08 das 12 respondentes. Outra restrição citada foi término dos contratos com o governo do Estado de Roraima para a confecção do fardamento das escolas estaduais. Então, a presidente teve que ir diretamente às escolas oferecer o fardamento.

Há, ainda, a restrição que diz respeito à participação das cooperadas nas atividades da cooperativa, que segundo a presidente a Coofecs tem atualmente 20 cooperadas, porém, somente 10 participam ativamente. No entanto, para tentar sanar esta dificuldade elas procuram sempre o diálogo.

Considerando os modos de coordenação da Coofecs, dos meios envolvidos, das limitações e sua implantação, da mobilização e participação dos atores, suas complexidades, tensão dos atores e restrições apresentadas, fica visível que a dimensão Processos está presente na Coofecs. Percebe-se que na Coofecs existe um processo de aprendizagem coletivo, com objetivo de cooperação, envolvimento nas negociações, nos acordos formais e parcerias, com o intuito de motivar uma boa governança.



Verificou-se que os produtos, processos e serviços da Coofecs geraram transformação, inclusão social, trabalho e renda e principalmente melhorou a qualidade de vida das cooperadas e de suas famílias. Portanto, conclui-se que a inovação social está presente na Coofecs.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo deste estudo foi identificar as cinco dimensões de inovação social na Coofecs, fundamentando-se no quadro de síntese elaborado por Tardif e Harrisson (2005). Especificamente identificar e descrever as ações de inovação social da Coofecs; verificar a importância destas ações, na percepção das cooperadas, para a comunidade onde a Coofecs está inserida; e analisar se houve transformações e melhorias na qualidade de vida das cooperadas da Coofecs.

Realizada a investigação, foi possível fazer a aplicabilidade do quadro de síntese das dimensões de inovações sociais proposto por Tardif e Harrisson (2005). Assim, foi possível identificar cada uma das cinco dimensões dentro da Coofecs.

Ficou evidenciado que o local onde se estabeleceu a cooperativa era palco de vários problemas econômicos e sociais, o que configurou a Dimensão Transformações em contexto de crise, modificações estruturais, emergência, exclusão, adaptações.

Foram identificados também na dimensão Caráter Inovador as tentativas, experimentos e institucionalização das ações de inovações sociais da Coofecs.

Verificou-se que na Dimensão Inovação, as ações da Coofecs surgiram para atenuar as dificuldades de um grupo, se caracterizando como finalidade por priorizarem o atendimento das necessidades da coletividade, o bem comum, o interesse geral e a cooperação.

Já na Dimensão Atores, percebeu-se o envolvimento das instituições estatais, dos movimentos comunitários/associativos, da sociedade civil e de entidades privadas que apoiaram e apoiam as iniciativas da Coofecs, para que houvesse o alcance dos objetivos sociais e econômicos.

Na Dimensão Processos ficou evidenciado os modos de coordenação, dos meios envolvidos, das limitações e sua implantação, da mobilização e participação dos atores, suas complexidades, tensão dos atores e restrições apresentadas.

Constatou-se que houve transformação e melhoria na qualidade de vida das cooperadas. Ficou evidenciado, também, resultados positivos que abrangem as pessoas da comunidade local, uma vez que a Coofecs promove oportunidade de trabalho e renda,

aprendizado, além de desenvolvimento de relações econômicas e sociais baseadas na cooperação e na solidariedade.

Verificou-se que as ações de inovação social da Coofecs estão presentes desde a implantação do projeto e que estas ações têm alcançado relevância social e econômica na vida das pessoas envolvidas no processo.

Este estudo contribui para suscitar melhor compreensão e identificação da inovação social em cooperativas de empreendimentos solidários e para avanços das pesquisas na área.

Sugere-se que sejam aprofundados estudos com a comunidade onde a Coofecs está inserida, visando compreender o impacto econômico e social produzidos pelas ações de inovação social na comunidade e o aprofundamento sobre as relações dos atores financiadores e apoiadores com os atores usuários da inovação social.

## REFERÊNCIAS

André, I. e Abreu, A. (2016). **Dimensões e espaços da inovação social**. Finisterra, XLI, 81, pp. 121-141. Disponível em: <[http://www.ceg.ul.pt/finisterra/numeros/2006-81/81\\_06.pdf](http://www.ceg.ul.pt/finisterra/numeros/2006-81/81_06.pdf)>. Acesso em 10fev. 2016.

- Araújo, M. R. J. (2015). **A economia solidária como um instrumento de política pública para a emancipação humana**: um estudo a partir da secretaria de economia solidária do Distrito Federal. 75p. Monografia (Graduação) - Universidade Aberta do Brasil, Brasília-DF, 2015. Disponível em:<[http://bdm.unb.br/bitstream/10483/11874/1/2015\\_MaxwelRodriguesJacobinaAraujo.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/11874/1/2015_MaxwelRodriguesJacobinaAraujo.pdf)> Acesso em: 28 mar.2016.

- 

Arcanjo, R. da S. e Marques, J. B.O. (2012). cooperativismo popular na perspectiva da economia solidária como instrumento de inclusão social. In: **SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA, IX**. 2012, Resende-RJ: AEDB, 2012. Disponível em:<<http://www.aedb.br/wp-content/uploads/2015/04/23316315.pdf>> Acesso em: 05 de Dez. 2015.

Azevedo, F.F.; Alió, M. À.; Silva, R. P. Da. (2016). Espacialidade da economia solidária no Brasil. **Biblio 3W**, Universidad de Barcelona, v. XXI, n. 1.148, Barcelona. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/b3w-1148.pdf>>Acesso em: 30 de mar. 2016.

Bignetti, L. P. (2011). As inovações sociais: uma incursão por ideias, tendências e focos de pesquisa. **Revista Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 47, n. 1, p. 3-14, jan/abr. Disponível em:<[http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias\\_sociais/article/view/1040/235](http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/1040/235)> Acesso em: 30 de dez. 2015.

Cloutier, J. Qu'est-cequ'innovationsociale? (2003). In: **CRISES**. Centre de Recherchesur lês InnovationsSociales. **Cahierdu CRISES**. Québec, 2003.

Inovação Social em Cooperativa de empreendimentos solidários  
Mary Lucia Silva Perim

Disponível em: [https://crises.uqam.ca/upload/files/publications/etudes-heoriques/CRISES\\_ET0314.pdf](https://crises.uqam.ca/upload/files/publications/etudes-heoriques/CRISES_ET0314.pdf).> Acesso em: 08/02/2016.

Farfus, D.; Rocha, M.C. DE (Org.). (2007). **Inovações sociais**. Curitiba: SESI/SENAI/IEL/UNINDUS. Coleção Inova; v. 2, 246 p. 2007 Disponível em [https://www.unisul.br/wps/wcm/connect/871e5d0b-7cbf-4c74-bb13-9ce4575f05bf/livro\\_inovacoes-sociais-vol-II\\_agetec.pdf?MOD=AJPERES](https://www.unisul.br/wps/wcm/connect/871e5d0b-7cbf-4c74-bb13-9ce4575f05bf/livro_inovacoes-sociais-vol-II_agetec.pdf?MOD=AJPERES) Acesso em: 25 mar. de 2016

Fayet, E. A. (2009). **Marco teórico para um modelo de gestão à luz do ciclo de vida das organizações**. 182 f. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Santa Catarina, 2009. Disponível em: <<http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/92394> > Acesso em: 05 out. 2015.

Fleury, S. **Programa de estudos sobre a esfera pública - PEEP**. Disponível em: <<http://ebape.fgv.br/pp/peep/apresentacao>> Acesso em: 26 nov. 2015.

Gaiger, L.I. (2013). A economia solidária e a revitalização do paradigma cooperativo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 28, n°. 82, jun. p. 211-228 Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais São Paulo, Brasil, 2013. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=10727637017> > Acesso em: 06 mar. 2016.

\_\_\_\_\_. (2015). A economia solidária na contramarcha da pobreza. **Sociologia, problemas e práticas**, n.º 79, p. 43-63. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul, Brasil. 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S0873-5292015000300003&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S0873-5292015000300003&script=sci_arttext&tlng=pt)> Acesso em: 30 mar 2016.

Maurer, A. M. (2011). **As Dimensões de inovação social em empreendimentos econômicos solidários do setor de artesanato gaúcho**. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. Disponível em <<http://docplayer.com.br/10493517-Universidade-federal-do-rio-grande-do-sul-escola-de-administracao-programa-de-pos-graduacao-em-administracao-angela-maria-maurer.html> > Acesso em 10 de Nov. 2015.

Moisés P. M. (2009). **O trabalho na economia solidária: estudo de caso sobre a rotatividade em uma associação de reciclagem**. 2009. Dissertação (Mestrado da Faculdade de Ciências Humanas) Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. Disponível em: <[http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/TMCB-7X3MJ5/disserta\\_\\_o\\_patr\\_cia\\_meireles\\_mois\\_s\\_\\_vers\\_o\\_final\\_21\\_out.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/TMCB-7X3MJ5/disserta__o_patr_cia_meireles_mois_s__vers_o_final_21_out.pdf?sequence=1)> Acesso em 03 de jan. 2016.

Oliveira, N. D. A. de. (2013). **Desenvolvimento sustentável, inovação, tecnologia social e empreendedorismo coletivo em relacionamentos intercooperativos: sistema creditag e cooperativas de produção agrícola de Rondônia**. 2013. F. Tese (Doutorado em Administração) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Administração, Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/69721>> Acesso em: 28 dez. 2015.

Organização Das Cooperativas Brasileiras. **Princípios do cooperativismo**. Disponível em: <<http://www.ocb.org.br/site/cooperativismo/principios.asp>> Acesso em: 20 dez. 2015.

Rollin, J. e Vicent, V. (2007). **Acteurs et processus d'innovations sociale au Québec**. Québec, Université du Québec. Disponível em: <<http://www.rqis.org/wp-content/uploads/2015/09/Acteurs-et-processus-dinnovation-sociale-au-Qu%C3%A9bec.pdf>> Acesso em: 10 jan. 2016.

Simioni, F. J. *et al.* (2009). Lealdade e oportunismo nas cooperativas: desafios e mudanças na gestão. **Revista de Economia e Sociologia Rural**. Brasília, DF, v.47, n.3, p. 739-765. Jul./Set. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20032009000300010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20032009000300010)> Acesso em: 10 jan. 2016.

Singer, P. Economia solidária. In: Cattani, Antônio David (org.). (2003). **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz Editores. p. 116-125.

Silva, F.L. (2016). Entrevista gravada, concedida a pesquisadora pela presidente da Coofecs em 29 de março de 2016.

Soares, M. C.B. (2014). **As possibilidades de articulação entre inovação e empreendedorismo e as economias nos territórios de baixa densidade: o caso das Lameiras**. 2014. 142 f. Dissertação (Mestrado em Intervenção Social, Inovação e empreendedorismo) - Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Coimbra. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/27587> Acesso em: 27 dez. 2015.

Souza, A. C. A. A. de. (2014). **Dimensões da inovação social e promoção do desenvolvimento econômico local no semiárido cearense**. Dissertação (Mestrado em Administração e Controladoria) - Universidade Federal do Ceará, Ceará. Disponível em: <[www.repositorio.ufc.br/ri/handle/riufc/15084](http://www.repositorio.ufc.br/ri/handle/riufc/15084)> Acesso em: 10 de Nov. 2015.

Souza, A. C. A. A. e Silva Filho, J. C. L. (2014). Dimensões da Inovação Social e Promoção do Desenvolvimento Econômico Local no Semiárido Cearense.. In: XXXVIII Encontro da ANPAD – EnANPAD. Rio de Janeiro. **Anais EnANPAD 2014**, 13-17 set. 2014 Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/GCT283.pdf>> Acesso em: Acesso em 10 de Nov. 2015.

Tardif, C e Harrisson, D. (2005). Complémentarité, convergence e transversalité: La conceptualization de l'innovationsociale au CRISES. IN: CRISES. Centre de Recherche Sur Les Innovation Sociales. **Cahiers du CRISES**. Québec. Disponível em: [https://crises.uqam.ca/upload/files/publications/etudes-theoriques/CRISES\\_ET0513.pdf](https://crises.uqam.ca/upload/files/publications/etudes-theoriques/CRISES_ET0513.pdf). Acesso em: 27 dez. 2015.

Taylor, J. B. (1970). Introducing Social innovation. **The Journal of Applied Behavioral Science**, vol. 6, n. 1, pp. 69-77, March, 1970. Disponível em: <<http://jab.sagepub.com/content/6/1/69.full.pdf+html>> Acesso em: 27 dez. 2015.

Yin, R. K. (2005). **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman.